

## A escuta atenta dos lugares periféricos como re-existência

*Attentive listening to peripheral places as re-existence*

*Escucha atenta desde lugares periféricos como re-existencia*

**Nathalia Flores Soares<sup>1</sup>**

**Edgar César Nolasco<sup>2</sup>**

### Resumo

Este trabalho propõe uma leitura crítico-biográfica fronteiriça de cunho descolonial acerca do trabalho da intelectual Heloisa Buarque de Hollanda visando abordar questões pertinentes ao seu projeto intelectual que se dedica a refletir e articular ideias a partir de/sobre marginalidades e periferias. Buscando articular as reflexões engendradas pela opção descolonial em diálogo com a resistência presente nas periferias do Brasil. Também utilizaremos como respaldo teórico o livro *Onde é que eu estou? – Heloisa Buarque de Hollanda 8.0* publicado em 2019, Tendo em vista a contribuição deste para pensarmos melhor o projeto intelectual constituído ao longo da polêmica atuação de Heloisa Buarque de Hollanda na academia. Nesse sentido, utilizaremos uma metodologia eminentemente bibliográfica assentada na Crítica biográfica fronteiriça engendrada, dentre outros, por críticos como Walter Mignolo e Edgar César Nolasco.

Palavras-chave: Periferia, Descolonialidade, Cultura.

### Abstract

This work proposes a critical-biographical frontier reading of a decolonial nature about the work of the intellectual Heloisa Buarque de Hollanda aiming to address issues pertinent to her intellectual project that is dedicated to reflecting and articulating ideas from / about marginalities and peripheries. Seeking to articulate the reflections engendered by the decolonial option in dialogue with the resistance present in the peripheries of Brazil. We will also use the book *Where am I? - Heloisa Buarque de Hollanda 8.0* published in 2019, In view of his contribution to better think about the intellectual project created during the controversial performance of Heloisa Buarque de Hollanda in the academy. In this sense, we will use an eminently bibliographic methodology based on the frontier biographical Critique engendered, among others, by critics such as Walter Mignolo and Edgar César Nolasco.

Keywords: Periphery, Decoloniality, Culture.

### Resumen

---

<sup>1</sup> Mestranda em estudos de Linguagens; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; e-mail: [nathalia.f.soares@hotmail.com](mailto:nathalia.f.soares@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br)

Este trabajo propone una lectura crítico-biográfica de frontera decolonial sobre la obra de la intelectual Heloisa Buarque de Hollanda con el objetivo de abordar cuestiones pertinentes a su proyecto intelectual que se dedica a reflexionar y articular ideas desde / sobre marginales y periferias. Buscando articular las reflexiones engendradas por la opción decolonial en diálogo con la resistencia presente en las periferias de Brasil. También usaremos el libro *¿Dónde estoy? - Heloisa Buarque de Hollanda* 8.0 publicado en 2019, en vista de su aporte para pensar mejor el proyecto intelectual creado durante la polémica actuación de Heloisa Buarque de Hollanda en la academia. En este sentido, utilizaremos una metodología eminentemente bibliográfica basada en la Crítica biográfica de frontera engendrada, entre otros, por críticos como Walter Mignolo y Edgar César Nolasco.

Palabras clave: Periferia; Descolonialidad; Cultura.

## 1. Periferias descoloniais

Plantear en nuestros días la especificidad latinoamericana de las prácticas teóricas que giran alrededor del pensamiento de la diferencia implica poder realizar una adecuada crítica a la modernidad y a su proyecto.(PALERMO, 2008, p. 221)

El conocimiento se produce en lugares concretos pues se trata de una forma específica de dar sentido a un mundo que se rige por su propia historia y que se proyecta desde la especificidad de su diferencia.(PALERMO, 2008, p. 243)

Lugares periféricos são sempre *lugares específicos*, mas nem todos os lugares são periféricos. Pensar a partir da periferia implica pensar a partir dos projetos globais que se cristalizam, de forma hegemônica, na cultura; significa, também, em transculturar tais projetos globais em projetos locais. (NOLASCO. 2013, p. 87)

O que os seres compartilham é a diferença que os singulariza (KLINGER, 2014, p. 111)

As passagens á cima ilustram ao seu modo o que venho pensando acerca das fronteiras e periferias do Brasil e de certa forma me respaldam enquanto teorização decolonial em processo, por me tirarem de meu lugar de conforto, fazendo com que eu pense sobre as epistemologias que grassam no mundo e que não contemplam corpos engastados em periferias e fronteiras. Sendo assim, quero como nas palavras de Cristina Siñanis e Zulma Palermo: “assumir a existência de um conhecimento outro, em diálogo com o pensamento crítico latino americano” (PALERMO, SIÑANIS, 2015, p. 106, tradução minha).

Desse modo, a proposta que pretendo delinear neste trabalho trata de reiterar a atuação e o trabalho de Heloisa Buarque de Hollanda nas periferias para além dos muros da universidade, mais precisamente no projeto de extensão intitulado “ Universidade das Quebradas”. Para tanto, utilizarei conceitos como: desprendimento (MIGNOLO, 2014), experiência da escuta (PALERMO, SIÑANIS, 2015) diferença colonial (PALERMO, 2010).

Com base no exposto, elejo esses conceitos por entender que a proposta delineada está assentada na legitimidade dos saberes marginais e periféricos ressaltando suas sensibilidades locais e culturais, focando sempre em “un horizonte de expectativas de posible concreción en los tiempos por venir” (PALERMO, SIÑANIS, 2010, p.106 ) como maneira de levar em conta os corpos da exterioridade, pensando agora em uma “reflexão crítica periférica” (NOLASCO, 2015,p 85)

Nesse interim, quero ilustrar como o desprendimento das hegemonias universais pode emergir de lugares periféricos através da “escuta atenta” (HOLLANDA, 2019, p. 29),em conjunto com o trabalho das literaturas ditas marginais e através da participação ativa na vida de comunidades alocadas em periferias, exposto isso, essa teorização requer um posicionamento outro, os conceitos evocados para minha conversa epistêmica, se pautam na contracorrente dos projetos globais. Estou argumentando em favor da opção descolonial como um “pensar descolonial que converte em projeto e processo essa prática teórica outra” (MIGNOLO, 2014, s/p). Dito isso, passo a compreender que o pensamento fronteiriço está alocando na exterioridade, nas sensibilidades locais que emergem dos vários loci de enunciação.

## **2. Epistemologias da diferença**

Abalizada por essa epistemologia, quero entender que o projeto intelectual de Heloisa com as periferias vai em direção do que outrora Zulma Palermo afirmou: “la posibilidad de aprender otros saberes sin olvidar los propios” (PALERMO,2010, p.85). A partir do exposto, vejo a Universidade das quebradas como um instrumento de mudança radical e como uma forma de re-existência de corpos periféricos, construindo-se enquanto aprendizado de saberes outros, advindos da academia em diálogo com os próprios saberes que emergem das favelas cariocas.

É por meio dessa prática outra realizada no interim das comunidades, que Heloisa tem contato com as várias histórias locais e contribui para o desprendimento das narrativas mestras que insistem em estigmatizar os sujeitos da exterioridade. Acerca dos projetos com as periferias, a intelectual afirma que:

Eu sinto a academia muito monolítica, muito pouco porosa. Comecei a me envolver e a pesquisar a cultura das periferias em 1993. Meu foco era discutir a mobilidade

dessa cultura e sua relação com o centro (se é que essas categorias fazem algum sentido). A partir daí formamos uma rede de pesquisa latino-americana e comecei a me aplicar seriamente na pesquisa e na escuta das comunidades periféricas. (HOLLANDA, 2019, p. 29, grifos meus.)

Dado o exposto, trago o relato de Heloisa como uma forma de consolidar minha teorização, percebe-se que o “papel do intelectual” (SAID, 2005) é efetivado pela autora através do diálogo entre periferia e universidade, nesse sentido, a intelectual trabalha com seus privilégios de classe para ressaltar a produção intelectual advinda das margens, de modo que sejam valorizadas por suas sensibilidades e fazendo com que caminhem rumo ao desprendimento da ideologia messiânica colonial que insistiu em classificar e excluir as subjetividades.

Ainda na esteira desses pensamentos, insistir na escuta e no diálogo entre periferia e universidade, funciona como uma forma de valorização das memórias locais dos sujeitos envoltos no processo de produção de conhecimentos outros. Com base no exposto, quando me deparo com a afirmação de Heloisa e com seu trabalho acerca da escuta das comunidades, penso nas teorizações de Siñanis e Palermo acerca da escuta como re-existência as autoras afirmam que:

talvez sea posible hoy comprender un pensamiento que se engendra desde una geocorpo-política (Mignolo, 2011) de la vida cotidiana [...]diferente, pero no inferior, de las muchas que le han dado forma en el tiempo y que hoy se expresa a través de “nuevos ritos” (PALERMO; SIÑANIS, 2015, p. 108)

Conforme o exposto pelas autoras, a vida cotidiana representa um ganho de conhecimento para o fazer descolonial, contudo, é necessário compreender que cada lugar suscita suas próprias especificidades, do corpo, do território. Para tanto, é necessário uma forma outra do fazer político, pautada nas territorialidades em conjunto com os corpos dos sujeitos das exterioridades.

Desse modo, fazer com que a geopolítica e a corpo-política se tornem visíveis é um trabalho em constante processo, a geopolítica trata de levar em consideração os vários loci territoriais e as histórias locais. Já a corpo política insere o corpo fisicamente e discursivamente, não o separando do pensamento como fez o cogito cartesiano. Essas premissas são caras ao fazer descolonial por conta de toda uma história de apagamento e silenciamento de subjetividades, é por essa razão que argumento em favor do desprendimento como indispensável para se pensar descolonialmente, Mignolo assevera: “A necessidade de

desprender-nos de tais ficções naturalizadas pela matriz colonial de poder é a teoria (que) o pensar descolonial converte em projeto e processo.” (MIGNOLO, 2014, s/p, tradução minha)

Reiterando os pensamentos do intelectual Argentino, a matriz colonial do poder foi responsável por criar o outro discursivamente, fazendo com que os corpos da exterioridade fossem entendidos como fora do padrão, como menos importantes. Por conseguinte, mudar o paradigma de análise e perceber como o projeto mundo colonial impôs sua “violência epistêmica” (PALERMO, 2010, p. 82) é crucial para os sujeitos que estão produzindo conhecimentos sobre/a partir de periferias e fronteiras deste país colossal.

A lógica colonial do poder impede que os discursos das exterioridades sejam valorizados enquanto conhecimento e saber em processo, projetos como os de Heloisa Buarque de Hollanda corroboram para valorização do diferente também se projetando rumo ao descolonial. Dessa forma, compreendo que a epistemologia que melhor me representa é o pensamento fronteiriço, o qual é responsável por me fazer pensar diferente do humanitas (colonizador), em direção ao que Gloria Anzaldúa outrora chamou de “nova consciência” (ANZALDÚA, 2007).

Na esteira dessas afirmações, minha pesquisa segue rumo ao sul, de modo a consolidar o pensamento fronteiriço que me é tão caro por abarcar todas minhas sensibilidades, entendo que o faço por meio de um paradigma outro chancelado pela crítica biográfica fronteiriça realizada por mim ao estudar a autobiografia de Heloisa outro. Como nas palavras de Zulma Palermo:

En el campo intelectual -y dentro del paradigma que vengo sosteniendo- hay tareas urgentes que reclaman nuestra atención, orientadas a producir una “descolonización” del conocimiento con miras a alcanzar un diálogo productivo con las prácticas de la vida cotidiana. (PALERMO, 2010, p. 92)

Assim como a autora, o campo intelectual o qual me detenho, a fronteira Sul de Mato Grosso do Sul também tem urgência em reivindicar suas histórias, memórias e afetos locais, para tanto, a necessidade de descolonizar o conhecimento imperial também se faz urgente. Não há somente um modo universal de se pensar o conhecimento, devemos confrontar a racionalidade euro-branca como afirmam Siñaris e Palermo e ir em direção de: “gerar

conhecimento á partir das experiências locais coletivas que se orientem a produzir radicais transformações na vida das sociedades”.(SIÑARIS;PALERMO, 2015, p. 111).

Dito isso e na busca de ilustrar a necessidade de se pensar em uma epistemologia outra a qual preze pelas experiências locais coletivas como exposto por Palermo. Por conseguinte, demarco meu local de fala o qual possui sujeitos reais e concretos, a fronteira a qual habito e influo o exercício critico de minha escrita não é somente geográfica. Nesse sentido, o enfoque se volta para a encruzilhada de possibilidades teóricas proporcionadas pelo fazer descolonial, como por exemplo, minha teorização pensada a partir de meu lócus enunciativo, abarcando minhas sensibilidades locais, por compreender que o pensamento fronteiriço é a única forma de desprendermos do imperialismo colonial.

Minha teorização assume um lugar sempre em construção que estabelece confrontos e se lança em direção ao fazer descolonial. Demarco discursivamente a polifonia e a pluralidade do lócus enunciativo do qual faço parte, de modo a revelar minhas sensibilidades locais assumindo meu compromisso ético e político de pensar na atuação desobediente da professora em meio às vaidades do âmbito acadêmico moderno. Grosso modo, Heloisa Buarque teoriza sobre a ocupação desses espaços enquanto meio de produção acadêmica, por compreender que “dar visibilidade e legitimidade a produção de fronteiras foi o que mais me moveu politicamente nesses 50 anos” (HOLLANDA, 2009, p. 221)

Compartilhando dos anseios de Heloisa, entendo que as fronteiras possuem desenhos únicos e específicos e demandam um posicionamento que parte em direção ao Sul, como uma forma de “aprender o mundo a partir da nossa cultura” (SAID, 2003, p. 126). Na esteira dos pensamentos do filósofo Edward Said, aprender o mundo a partir da nossa cultura a qual se aloca na exterioridade da doxa moderna, demanda desaprender o que foi aprendido através das grandes narrativas hegemônicas. Sendo assim, a crítica biográfica, o pensamento de fronteira, a universidade das quebradas idealizada por Heloisa Buarque, todos os citados se constroem enquanto pensamentos que emergem á partir da necessidade do fazer comunal e do prezar por vidas das exterioridades.

### **3. Conclusão**

Pensado isso, a opção descolonial surge como uma forma de teorizar acerca desse outro que foi convertido em subalterno pelo projeto imperial moderno. Na seara destes pensamentos, me incluo enquanto corpo subalterno por habitar uma região fronteiriça, contudo, entendendo a importância de minha teorização para minha autonomia enquanto pesquisadora, procuro em Buarque de Hollanda a parte que falta em meus escritos como uma maneira de enriquece-los e mostrar que a fronteira-sul desse país colossal produz ciência e pesquisa. Como afirma Said: “O exílio, a imigração e o cruzamento de fronteiras, são experiências que podem, portanto, nos proporcionar novas formas narrativas” (SAID,2003, p.136)

Com base no exposto por Said, entendo essas novas narrativas que surgem a partir de lugares alocados na exterioridade como complementadoras do fazer descolonial, juntamente com os corpos encostados em fronteiras reivindicam seus direitos de re-existir e caminham em direção ao futuro, como pondera Heloisa Buarque: “A grande diferença é que esse novo “outro” surge com uma razoável autonomia e vem das bordas metropolitanas, bem mais próximo e familiar do que os “nativos” das guerras de descolonização.” (HOLLANDA, 2019, p.162)

Finalmente, entendo que esse futuro o qual mencionei só nos é possibilitado graças ao Sul que habito, o desprendimento, a desobediência me são indispensáveis para representar minha condição de mulher fronteiriça, meu corpo que se engasta nessas margens e nessa terra vermelha da fronteira-Sul. Quero me desprender do colonialismo e pensar em possibilidades outras que prezem pela minha vida e pela de Heloisa. Vejo que nós, corpos da exterioridade já avançamos muito rumo ao processo de descolonização, podemos falar, sentir, ser e principalmente nos desprender e sonhar como nas palavras de Siñaris e Palermo com “un mundo donde quepan muchos mundos” (SIÑARIS; PALERMO, p. 111)

### Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

BOTELHO, André; COSTA, Cristiane; COELHO, Eduardo; STROZENBERG, Llana. *Onde é que eu estou?* . Rio de Janeiro, 2019. Editora: bazar e tempo.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Escolhas: uma autobiografia intelectual*. Rio de Janeiro: Editora Língua Geral, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

MIGNOLO, Walter. Prefacio. In: GÓMEZ, Pablo Gómez (org.). *Arte y estética en la encrucijada descolonial II*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2014, p. 07-09.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013.

PALERMO, Zulma. Revisando fragmentos del “archivo” conceptual latino-americano a fines del siglo XX. In: *Tabula rasa*. n. 9. Bogota: Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, 2008, p. 217-246.

PALERMO, Zulma. SIÑANIS, Cristina. Heterogeneidad estructural y re-existencia en la escucha. In: *MILLCAYAC: Revista digital de ciencias sociales*. v. II, n. 3. Mendoza: Centro de Publicaciones FCPyS, 2015, p. 105-113.

PALERMO, Zulma. Una violencia invisible: “la colonialidad del saber”. In: *Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales*. n. 38. Jujuy: Universidad Nacional de Jujuy, 2010, p. 79-88.

SAID, Edward. W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.